



O “Maior São João do Mundo” e o caso do museu condenado à morte: apontamentos iniciais sobre uma pesquisa em andamento

Comunicação

João Valter Ferreira Filho
Universidade Federal de Campina Grande
Joao.valter.ufcg@gmail.com

Arthur Marques do Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande
arthur-mdn@live.com

Ana Beatriz Bezerra
Universidade Federal de Campina Grande
ana.beatriz@estudante.ufcg.edu.br

Breno Felipe Lima de Sousa
Universidade Federal de Campina Grande
brenofelipe.2014@gmail.com

Robertson de Arruda Silva
Universidade Federal de Campina Grande
Kbecauepb@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta parte de uma pesquisa em andamento, que vem sendo empreendida pelo EHMMus – Grupo de Pesquisa em Ensino, História e Memória da Música/UFCG – e que tem por objetivo geral registrar e compreender a história e a memória do Museu Fonográfico Luiz Gonzaga e seu papel social no cenário local, haja vista a construção deliberada de uma identificação espetacularizada da cidade com o universo das festas juninas. Nesse quadro, o recorte aqui apresentado traz à tona um primeiro estudo sobre essa construção social do vínculo entre Campina Grande e as festas juninas e as primeiras informações e dados gerais a respeito do Museu. A metodologia utilizada orientou-se pelos pressupostos da abordagem qualitativa, concretizados por meio de pesquisas junto a documentos diversos e pessoas-fonte. Esse trabalho consiste em um primeiro registro acadêmico em torno da trajetória dessa instituição que teve papel de grande relevância em determinado momento da história local, mas que fechou suas portas no início do ano de 2013.

Palavras-chave: História da Educação Musical; Instituições de Ensino Musical; Memória de Instituições.



Introdução

O trabalho que ora se apresenta consiste em um recorte de uma pesquisa que se encontra em andamento, conduzida pelo EHMMus – Grupo de Pesquisa em Ensino, História e Memória da Música/UFCG – junto ao Museu Fonográfico Luiz Gonzaga. Situada no município de Campina Grande, estado da Paraíba, essa instituição teve, outrora, expressiva relevância para a cultura local, abrigando peças históricas e eventos artístico-pedagógicos por exatos vinte anos, entre 1992 e 2012. Tendo fechado suas portas ao público em janeiro de 2013, seu acervo atualmente encontra-se armazenado à espera de algum acordo que viabilize sua reinstalação. Registrar a história desse museu e refletir sobre seu papel na sociedade campinense, desde seus tempos áureos até seu ocaso, é o objetivo central, em nível macro, da pesquisa que dá origem ao presente trabalho. Esta comunicação, por sua vez, visa compartilhar com o meio acadêmico alguns dos dados colhidos e sistematizados nas fases iniciais da pesquisa.

Para tanto, este trabalho está dividido em duas partes. A primeira delas apresenta um panorama geral da cultura campinense e a construção/reforço de seu vínculo com o universo das festas juninas, por parte de forças políticas. A segunda parte traz a lume alguns dados iniciais sobre o museu, sua história, proposta e funcionamento, assumindo como principal fonte o próprio fundador da instituição, o professor aposentado José Nobre Medeiros – popularmente conhecido como Zé Nobre.

De acordo com Best e Kahn (1989) pesquisas históricas procuram investigar não apenas a cronologia e os eventos relacionados às realizações humanas em sociedades situadas no passado, mas, sobretudo, procuram compreender como se davam as complexas relações entre os seres humanos e seu meio, em tempos e lugares os mais diversos. Nesse quadro, esse tipo de pesquisa é caracterizado não somente pela apresentação do passado, mas, sobretudo, por sua interpretação, que se dá sistematicamente a partir de registros, análises e reflexões.

Portanto as pesquisas históricas podem ser importantes instrumentos para o alargamento das compreensões dentro do campo da Educação Musical – área que busca compreender as relações entre o ser humano e os processos de ensino-aprendizagem que permitem o compartilhamento de culturas musicais. De fato, conforme assinalam Rocha e



Garcia (2016, p. 114), reflexões e abordagens historiográficas em torno de iniciativas, instituições e protagonistas de processos de ensino-aprendizagem musical no Brasil marcam presença no debate acadêmico desde o início das atividades de pós-graduação em música no país, granjeando, paulatinamente, mais e mais espaço para discussões em eventos e periódicos de alcance nacional¹.

Em termos sistemáticos, pesquisas históricas vinculadas à área da Educação Musical podem girar em torno de temas tão vastos quanto o próprio cotidiano educativo-musical de um determinado tempo/lugar, onde se contam, por exemplo: (1) a compreensão dos diversos modos de sistematização dos conhecimentos e práticas que envolvem a música e a pedagogia musical em tempos passados (BRITTON, 1989); (2) a historiografia em torno das instituições de ensino musical e do caráter impresso aos seus processos de ensino-aprendizagem (PENNA, 2015; PENNA; FERREIRA FILHO, 2019); (3) a reflexão em torno da biografia e das condições de trabalho de professores e professoras de música em tempos diversos (FERREIRA FILHO, 2009); (4) as práticas de ensino-aprendizagem musical de cada tempo/lugar e sua influência – direta/indireta – sobre a produção musical de um tempo/lugar; dentre outros.

Ferreira Filho (2021), assinala ainda que, ao trazer à tona as configurações sociopolíticas assumidas por um grupo social em determinado momento de sua trajetória, a pesquisa histórica também pode ajudar na compreensão dos cenários políticos e culturais que, em última instância, acabam por influenciar a própria função social da música naquela sociedade. Essa compreensão, por sua vez, pode ser considerada como um elemento de expressiva importância para pesquisa acadêmica da área, uma vez que, conforme assinalam os estudos de Penna (2015, p. 30), a complexa teia das funções sociais atribuídas pelos seres humanos à sua música é um dos fatores fundamentais para o entendimento do escopo e do alcance da Educação Musical na sociedade.

No que diz respeito à condução dos aspectos metodológicos de pesquisas históricas na área da música, conforme salientam Penna e Ferreira Filho (2019, p. 605), é preciso que o pesquisador compreenda que as fontes – mesmo aquelas que possam apresentar o mais alto

¹ As autoras afirmam ainda que, muito embora a presença dessa temática possa ser considerada uma constante, foi somente no ano de 2015 que tiveram início as atividades do G.T. de História da Educação Musical no mais importante evento científico da área no país: o Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM (ROCHA; GARCIA, 2016. p. 114).



grau de legitimidade e confiabilidade – precisam ser tomadas como registros que sobram da história, e não como uma expressão unívoca e definitiva do passado. Nessa direção, assinalam os autores: “[...] estamos convencidos de que um dos principais patrimônios que compõem a bagagem científica de um pesquisador são seu olhar treinado e sua capacidade crítica e de questionamento” (PENNA; FERREIRA FILHO, 2019, p. 625).

O presente trabalho representa o início de uma pesquisa que procurará amenizar, de alguma maneira, a perda de um espaço tão importante para a cultura local. Isso se dará, sobretudo, por meio da tentativa de sistematizar a história e a memória da instituição, por meio de registros e estudos historiográficos.

Os tópicos a seguir apresentam algumas impressões iniciais desses estudos.

Campina Grande e o Maior São João do Mundo

O município de Campina Grande apresenta um perfil cultural que reúne, a um só tempo, elementos que constituem um contexto sociocultural bastante peculiar, no qual se misturam aspectos diversos da vida urbana contemporânea com fortes características, nuances e costumes próprios da vida rural.

Nesse cenário, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, iniciou-se um movimento deliberado em favor da transformação do município do universo comumente caracterizado como “das festas juninas” em uma espécie de espetáculo gigantesco, que passou a ser designado como “O Maior São João do Mundo”. A compreensão das várias camadas e dimensões que caracterizam o processo histórico que delinea e institui essa construção social – e seus desdobramentos práticos na vida cultural da cidade – tem se mostrado como um dos principais desafios da pesquisa histórica no contexto local (LIMA, 2008; FERREIRA FILHO, 2021).

A busca por tal compreensão, de acordo com Lima (2008), deve partir da análise dos caminhos assumidos pelos poderes políticos da região com relação à cultura. De fato, trata-se da implementação de inúmeras iniciativas patrocinadas pelo Estado, que acabaram transformar as antigas festas rurais de comemoração religiosa, que marcavam a colheita do



milho e do feijão, em um grande espetáculo turístico, urbano e cosmopolita, marcado pela priorização do comércio e pela estilização da cultura local.

De acordo com a autora, a festa de São João em Campina Grande era tida, ainda no início do século XX, como um evento familiar, comumente realizado em localidades rurais.

A cidade praticamente ficava vazia na véspera da noite de São João, pois quem podia dirigia-se ao espaço rural para passar a noite festejando o santo festeiro. E aqueles que permaneciam na cidade, tinham por opção frequentar algum clube social [...] outra alternativa era ficar na calçada das residências a admirar a fogueira sendo paulatinamente queimada ao som de fogos de artifício lançados no ar” (LIMA, 2008, p. 32).

A grande transformação sociocultural do São João em Campina Grande teve início mesmo a partir de meados da década de 1970, quando a prefeitura municipal, acompanhando uma tendência nacional de estilização e espetacularização das festividades tradicionais, decidiu começar a investir na organização de eventos alusivos às festividades juninas. De acordo com Nóbrega (2010):

Na década de 1980 as comemorações de São João passam a ser realizadas de acordo com estratégias decididas pelo poder público municipal, [que] [...] deslocou o evento dos bairros para centralizá-lo no “Palhoção”, um grande e rústico barracão montado com madeira e coberto com palhas de coqueiro (NÓBREGA, 2010, p. 45).

No ano de 1986, a prefeitura inaugurou o Parque do Povo, área de aproximadamente 42.000 m², com capacidade para aproximadamente 20.000 pessoas. A partir daquele ano, o gigantesco e novo espaço cultural passou a ser o epicentro de shows, concursos de quadrilhas, apresentações de grupos de folguedos, “ilhas de forró” pé-de-serra, festivais de comidas típicas, etc., consolidando o megaevento internacionalmente conhecido como *O Maior São João do Mundo*.

Em termos conceituais, como afirma Ferreira Filho (2021. p. 172), o evento do *Maior São João do Mundo* foi sistematicamente construído a partir dos discursos do tradicionalismo nordestino e da apologia à cultura da zona rural, ideias que povoam o imaginário popular e que, ano após ano, são reforçadas simbolicamente por meio da construção de palhoças rústicas (ainda que para abrigar sofisticados restaurantes), cidades cenográficas com moveis típicos de sítios e fazendas, além do uso generalizado de roupas e acessórios supostamente



vinculados ao universo rural e demais elementos que remetem à cultura da “roça”, como as comidas típicas e, claro, o forró.

Tal configuração de megaevento construída em torno das festividades juninas inevitavelmente acarretaria em significativas transformações no cenário artístico-cultural da cidade, conforme nos apontam os estudos de Lima (2008). No campo específico da música, a cidade passou a presenciar uma expressiva ênfase sobre o forró – e suas incontáveis variantes – o que ocasionou a criação e a consolidação da carreira de inúmeros artistas-solo e bandas, muitos dos quais tendo alcançado projeção nacional. Além disso, todos os anos dezenas de pequenos grupos formados por sanfona, triângulo e zabumba – conhecidos como “trios de forró” – espalham-se por toda a cidade, animando as palhoças, os bares, as festas familiares, etc., com um repertório predominantemente formado de canções relacionadas à musicalidade tradicional nordestina.

Entre as inúmeras novidades que foram sendo criadas com o passar dos anos no intuito de ancorar a cidade à identidade das festas juninas, estão iniciativas como o “Trem do Forró” (uma viagem de aproximadamente uma hora de duração dentro de um trem com trios de forró tocando e os passageiros dançando), o ônibus do forró (versão urbana do item anterior), a “Vila do Artesão” assim como diversas outras instituições com esse mesmo caráter.

Foi nesse cenário de grande relevância atribuída ao universo sociocultural conhecido como forró que foi fundada, no ano de 1992, a instituição cuja história nosso Grupo de Pesquisa pretende abordar e compreender: o Museu Fonográfico Luiz Gonzaga.

O Museu Fonográfico Luiz Gonzaga: primeiras aproximações

As informações relacionadas à história e à identidade do Museu Fonográfico Luiz Gonzaga foram colhidas diretamente com o Prof. José Nobre de Medeiros – Zé Nobre – fundador e presidente da instituição. Até o momento, o Grupo de Pesquisa esteve por duas ocasiões com o professor: uma primeira visita para conhecimento geral do acervo ainda no antigo local onde funcionava o museu e uma segunda aproximação, com vistas à realização de entrevista formal. O processo de realização da entrevista deu-se em duas etapas. A primeira delas foi a estruturação de um roteiro básico, onde pudemos delinear qual a natureza



dos dados que precisávamos obter no intuito de conhecer os aspectos mais fundamentais da Instituição à qual estávamos nos acercando. O segundo momento foi a entrevista propriamente dita, que ocorreu no dia 02 de agosto de 2022, de forma presencial, na sede do próprio museu. Contando com o consentimento da pessoa-fonte, utilizou-se de um gravador como recurso para registros, e que, posteriormente resultou na transcrição de algumas de suas falas que respondiam os pontos delimitados no roteiro de entrevista.

Ao realizar entrevistas – sobretudo de caráter histórico e quando em torno de fatos ou fenômenos que possuem grande importância para o entrevistado – o pesquisador também precisa desenvolver a habilidade de transitar entre as singularidades dos relatos e suas relações com os processos coletivos, filtrando idiosincrasias e procurando relacionar, de maneira clara e objetiva, o aspecto autoral de cada depoimento à factualidade dos acontecimentos históricos abordados. Essa maturidade é essencial para o processo de pesquisa, pois, como afirma Thompson (1992), é justamente essa singularidade uma das principais contribuições da História Oral para a compreensão historiográfica de nosso tempo

Conforme mencionado anteriormente, o Museu Fonográfico Luiz Gonzaga foi fundado em 1992 e seu acervo é fruto de uma coleta de materiais no Brasil e até no exterior. Sobre os desafios de se constituir a coleção fundamental da instituição, Nobre assinala que foi:

[...] um trabalho de garimpagem feito em todo Brasil e também no exterior, adquirindo as peças, sempre comprando. O trabalho envolveu muita gente que comprava e revendia e a capital São Paulo era onde se encontrava a maior variedade do que é hoje o acervo do museu. Na época, os chamados “despachantes” viviam exclusivamente de comprar discos e outros artefatos de São Paulo para vender em Recife e Fortaleza. Mas as peças do museu vieram de praticamente todos os estados brasileiros” (MEDEIROS, 2022, informação verbal).

Sobre as motivações e circunstâncias da fundação, Zé Nobre relata que conhecera Luiz Gonzaga desde muito pequeno, quando tinha 11 anos de idade, no município de Currais Novos (PE). Segundo o entrevistado, logo estabeleceu-se uma relação de amizade, e, mais tarde, o próprio Luiz Gonzaga teria feito a provocação para que o amigo levasse um museu que já existia no município de Exu (PE), sua terra natal, para Campina Grande. Zé Nobre, porém, declinou do convite, sobretudo em razão da proporção da responsabilidade. Foi somente após a morte de Luiz Gonzaga que lhe veio a ideia de criar seu próprio museu, lançando mão de seu



acervo particular. Foi quando passou a adquirir mais itens e inaugurou seu projeto, no ano de 1992, com a exposição “O Canto do Rei”.

De acordo com o entrevistado, o museu nunca contou com nenhum colaborador externo permanente, e sempre esteve instalado no mesmo local, um grande terreno de propriedade de seu fundador, situado à rua Presidente Costa Silva, bairro do Cruzeiro-Campina Grande. Em três ocasiões esporádicas foram realizadas exposições fora da sede, sendo duas delas a pedido da Prefeitura Municipal de Campina Grande, em diferentes edições do “Maior São João do Mundo”, e uma no município de Juazeiro (Bahia), na Festa da Sanfona, quando o acervo permaneceu por cinco dias naquela cidade.

Sobre a catalogação dos itens do museu, Zé Nobre afirma:

As peças foram catalogadas até 2013, a partir daí todo material que entrou não foi catalogado. Então são aproximadamente cinco mil discos entre vinis e CD's, 200 horas de fitas VHS entre imagens, depoimentos, shows e documentários, roupas, instrumentos... dando em torno de 5.300 peças (MEDEIROS, 2022, informação verbal).

Na avaliação do fundador, o principal e mais raro item do acervo do museu é um fole de oito baixos que pertenceu a Januário, pai de Luiz Gonzaga. Esse instrumento, ao que consta, foi fabricado na Alemanha que chegou no Brasil na década de 1930. Foi adquirido pelo museu na cidade de Recife, Pernambuco, em data não especificada. Porém, é importante salientar que o acervo do museu não possui apenas obras e objetos referentes a esse artista. Na verdade, constam entre o patrimônio da instituição as discografias completas e muitas outras peças referentes à história de músicos como Marinês, os Três do Nordeste, Jackson do Pandeiro, etc. Além disso – fato relevante para nosso grupo de pesquisa – há naquele acervo centenas de discos gravados por artistas menos conhecidos: emboladores de côco, forrozeiros, cantadores que, muitas vezes, permanecem praticamente anônimos para o público de nossos dias.

Sobre a “tempo áureo” da instituição, Zé Nobre considera que seu apogeu esteve situado entre a data de sua fundação e o início do ano de 2013, época em que o museu recebia uma média 500 a 1.200 alunos da rede municipal e estadual mensalmente, além de visitantes vindos de outras cidades e até outros estados. No mês de junho as visitas se intensificavam ainda mais. Eram também bastante comuns as visitas de artistas vinculados à cultura



nordestina, tais como Dominginhos, Camarão, Targino Gondim, Flávio José, Tom Oliveira, Biliu de Campina, Luizinho Calixto, Zé Calixto, Socorro Lira, Sandra Belê, entre outros.

Ao falar das perspectivas concretas para o museu, o entrevistado revelou seu desapontamento com a maneira como o museu foi deixado de lado pelos poderes públicos. Sem contar com funcionários ou especialistas em arquivologia, e com o avanço dos anos de seu fundador, as portas foram se fechando aos poucos, até que o museu encerrou seu expediente em janeiro de 2013², logo após as comemorações do centenário de nascimento de Luiz Gonzaga. Atualmente o museu está passando por um processo de desconstrução. O acervo encontra-se armazenado, à espera de que algum acordo viabilize sua reinstalação. A expectativa do professor Zé Nobre a esse respeito é que as peças principais da instituição possam continuar sendo exibidas em conjunto “[...] um lugar onde possa ter mais visibilidade, desde que tenha segurança e salas climatizadas com condições ideais para preservação dos itens, tendo em vista que muitos se encontram em estado de decomposição” (MEDEIROS, 2022, informação verbal).

Breves considerações finais

No cenário cultural do município de Campina Grande, o Museu Fonográfico Luiz Gonzaga foi, durante vinte anos, uma instituição de difusão da cultura musical nordestina, onde crianças e adolescentes de diversas escolas das redes municipal e estadual, além de incontáveis outros visitantes, tiveram a oportunidade de conhecer a história do forró a partir da trajetória de Luiz Gonzaga.

Infelizmente, por fatores que não nos cabem discutir no presente trabalho, essa instituição foi sendo desmobilizada a partir dos últimos anos da primeira década do século XXI, tendo fechado formalmente suas portas em janeiro de 2013. Agora, face ao desalento de seu fundador e único mantenedor, seu acervo passa por um processo de desintegração.

Considerando que, conforme assinalado anteriormente, pesquisas históricas podem contribuir para a área da educação musical não apenas por meio da busca pelo registro de

² No ano de 2018, Zé Nobre anunciou a reabertura do museu. Mas, na verdade, tratou-se apenas da viabilização de visitas particulares, com horários previamente marcados.



instituições, protagonistas e fatos relacionados ao passado, mas, sobretudo, colaboram para o avanço do conhecimento da área também à medida em documentam as transformações dos contextos culturais nas diversas sociedades, favorecendo o mapeamento dos caminhos de ensino da música em cada época – incluídos aí fatores como com novas tecnologias, invenções e desenvolvimentos de conhecimentos instrutivos para novas experiências em sala de aula. Sendo assim, a pesquisa histórica evidencia como os conteúdos, as metodologias e as práticas musicais se ressignificam e se atualizam com o decorrer do tempo, projetando-as em perspectivas com as diversas configurações do presente.

Sendo assim, o registro da trajetória histórica da trajetória do Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, portanto, parece ser algo de grande relevância para a historiografia da Educação Musical no contexto campinense, haja vista que, certamente, reflete também as grandes transformações das relações entre os membros da sociedade local e seu patrimônio musical. O presente trabalho é uma primeira iniciativa do EHMMus em direção a novas compreensões em torno desse fenômeno. Passos posteriores certamente envolverão o intercruzamento das informações da entrevista que deu origem a este trabalho com demais dados e informações advindos de fontes documentais diversas (imagéticas, hemerográficas, audiovisuais etc), a realização de novas entrevistas com seu fundador e demais personagens importantes para a história da instituição, a busca e conferência de catálogos, a sistematização registros imagéticos da edificação que o abrigou durante toda a sua trajetória e de seleções de itens restantes do museu, registros de eventos de formação musical e de visitas de escolas e demais setores da sociedade à instituição.

Referências

BEST, John; JAMES Kahn. *Research in Education*. 6th ed. New Jersey: Prentice Hall, 1989.

BRITTON, Allen. “The How and Why of Teaching Singing Schools in Eighteenth Century America.” *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, n.99. Urbana: University of Illinois, 1989. p.23-41.

FARIAS, Paulo César Cunha; COSTA, Antônio Albuquerque da. As rugosidades do comércio algodoeiro no espaço urbano atual de Campina Grande – PB. *Revista GeoSertões*. vol. 2, no 4, jul./dez. 2017.



FERREIRA FILHO, João Valter. Educando e educador: as percepções dos licenciandos em música da UFCG a respeito de sua formação e de sua realidade profissional. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22, 2015. Natal. *Anais...* Natal: Associação Brasileira de Educação Musical, 2015. Disponível em: <<http://abemeduacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/viewFile/1115/333>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FERREIRA FILHO, João Valter. *História e Memória da Educação Musical no Piauí: das primeiras iniciativas à universidade*. 2009. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

FERREIRA FILHO, João Valter. *Perspectivas para uma formação culturalmente contextualizada de professores de música: problematizações, reflexões e propostas a partir da Licenciatura em Música da UFCG*. 432 f. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021.

LIMA, Elisabeth Christina de Andrade. *A fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. 2 ed. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

NÓBREGA, Zulmira. *A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande*. 2010. 316 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

PENNA, Maura; FERREIRA FILHO, João Valter. Os limites das fontes documentais: do samba enredo da Mangueira 2019 ao discurso oficial sobre o canto orfeônico. *Opus*, v. 25, n. 3, p. 602-628, set./dez. 2019.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2 ed. rev. amp. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROCHA, Inês de Almeida; GARCIA, Gilberto Vieira. História da Educação Musical no Brasil: reflexões sobre a primeira edição do GT 1.3 – XXII Congresso da ABEM (2015). *Revista da ABEM*, v.24, n.37, p. 114-126, Londrina, jul./dez. 2016.

THOMPSON, P. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992